



Coleção  
**População e Sustentabilidade**

# **Habitar em risco:** mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana

Eduardo Marandola Jr.

**Blucher**

# **Habitar em Risco**

**Mobilidade e vulnerabilidade na  
experiência metropolitana**

**Blucher**

Eduardo Marandola Jr.

# **Habitar em Risco**

**Mobilidade e vulnerabilidade na  
experiência metropolitana**

COLEÇÃO POPULAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

*Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na  
experiência metropolitana*

© 2014 Eduardo Marandola Jr.

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Montagem de Danilo da Silva  
sobre fotografia de Eduardo Marandola Jr.

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-012 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do  
*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer  
meios, sem autorização escrita da Editora.

---

Todos os direitos reservados a Editora Edgard Blücher Ltda.

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

Marandola Junior, Eduardo  
Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade  
na experiência metropolitana / Eduardo Marandola  
Junior. – São Paulo: Blucher, 2014.

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-0847-1

1. Geografia 2. Mobilidade residencial 3. Vida  
urbana – riscos 4. Meio ambiente I. Título

14-0370

CDD 307.76

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Sociologia urbana.

*No pensamento do sentido, chegamos propriamente onde, de há muito, já nos encontramos, embora sem tê-lo experienciado e percebido.*

*No pensamento do sentido, encaminhamo-nos para um lugar onde se abre, então, o espaço que atravessa e percorre tudo que fazemos ou deixamos de fazer. [...] Os caminhos do pensamento do sentido sempre se transformam, ora de acordo com o lugar, onde começa a caminhada, ora consoante o trecho percorrido pela caminhada, ora conforme o horizonte que, no caminhar, vai se abrindo no que é digno de ser questionado.*

Martin Heidegger



# CONTEÚDO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>PARA PENSAR OS RISCOS CONTEMPORÂNEOS .....</b>	<b>13</b>
<b>I GEOGRAFIA DOS RISCOS</b>	
1 O tempo da incerteza e da vulnerabilidade .....	25
1.1 A busca pela certeza no pensamento geográfico .....	25
1.2 A liquidez moderna e as territorialidades .....	32
2 Das incertezas da natureza à insegurança social .....	41
2.1 Perigos naturais, desastres e percepção dos riscos .....	42
2.2 Sociedade de risco e modernidade líquida .....	51
2.3 Vulnerabilidade do lugar .....	58
3 Fenomenologia geográfica dos riscos e perigos .....	67
3.1 O sentido ontológico do habitar .....	74
3.2 Experiência dos riscos e perigos .....	82
<b>II MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>
4 A região e a metrópole na perspectiva da experiência .....	95
5 Mobilidade e espaço de vida na metrópole .....	103



6	A fluidez da casa e do bairro .....	113
6.1	Casa e bairro: lugares do ser-no-mundo .....	113
6.2	Formas de habitar ideal e espaços de vida .....	123
<b>III</b>	<b>HABITAR A METRÓPOLE .....</b>	<b>135</b>
7	A microrregião e as possibilidades do habitar .....	137
7.1	Morfologia da experiência metropolitana .....	138
8	Vulnerabilidade existencial entre mobilidades e permanências .....	157
8.1	Casulo protetor e mundo circundante .....	157
8.2	Mobilidade e multiterritorialidade .....	161
8.3	A cidade da modernidade líquida .....	164
	<b>DO HABITAR AO PENSAR .....</b>	<b>169</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>177</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>199</b>
	Sobre a metodologia .....	201
	Fenomenologia geográfica: caminhos da pesquisa .....	201
	Implicações epistemológicas e metodológicas .....	204
	Procedimentos de pesquisa .....	209
	Cadernos de mapas .....	215
	Caderno de fotos .....	227
	Sobre o autor .....	243

# APRESENTAÇÃO

Este livro trata de uma angústia existencial e de uma experiência. É vivendo que se deseja investigar, e é investigando que se deseja viver. As linhas escritas aqui são expressões de minhas buscas intelectuais, mas também expressões de tentativas de me visualizar no mundo.

Originalmente uma tese realizada no contexto de um programa de pós-graduação (em Geografia, do Instituto de Geociências da Unicamp) e de um grande projeto de pesquisa (Projeto Vulnerabilidade do Núcleo de Estudos de População da Unicamp), esta investigação incorporou diferentes elementos ao longo de seu processo de construção. Entre esses, a experiência é o grande fio condutor, por diferentes razões. Em primeiro lugar, pela inquietação intelectual que envolve o desejo de fazer uma ciência humanista que atribua aos existentes o comando da compreensão do mundo. É na experiência vivida que a pesquisa procurou ensejar todos os seus argumentos e suas considerações. Foi em busca desses caminhos que as leituras e sua construção metodológica foram erigidas.

Em segundo lugar, pela interpenetração da experiência do autor com os temas em tela, sendo esta uma pesquisa existencial por me encontrar o tempo todo mergulhado nas questões que diziam respeito à investigação. A experiência de morador metropolitano, migrante em uma região densamente urbanizada, realizando pendularidade e convivendo com uma intensa mobilidade (e suas consequências) é o fio que transformou e construiu todo o processo de pesquisa.

Como geógrafo, conduzo meu trabalho pela preocupação de pensar a Geografia, enquanto conhecimento de mundo e saber experienciado existencialmente. Nesse âmbito, este livro é perpassado pela busca de uma Geografia mais humanista, não apenas em termos epistemológicos e metodológicos, mas, também, de valores, em oposição aos vários determinismos que ainda enfrentamos nas universidades e em nossa sociedade contemporânea.

Além da Geografia, outros dois grandes campos de preocupação conduzem esse pensar: os estudos urbanos e os estudos de população e ambiente. O humanismo fe-

nomenológico é um caminho metodológico para pensar uma sociedade sustentável, cidades ambientalmente agradáveis e uma justiça em seu amplo espectro. A ideia de sustentabilidade e ambiente que permeia este livro é aquela intrinsecamente ligada à ideia de humano; homem-terra é uma unidade indissociável, um todo orgânico que precisa ser pensado e preservado em conjunto. No campo do conhecimento, esse pensar se dá pelo intenso diálogo interdisciplinar, expresso nas páginas a seguir.

A liga epistemológica desse diálogo foi a Fenomenologia, esteio que tomei a partir da leitura de Martin Heidegger e seus questionamentos ontológicos. A experiência e a compreensão dos fenômenos, portanto, são pensadas a partir de sua dimensão ontológica, conduzindo a reflexão, em última análise, para o significado existencial do ser-no-mundo. Sendo assim e sob esse ponto de vista, riscos, perigos e vulnerabilidade são pensados, assim como a mobilidade, a migração e a constituição de lugares e territórios. O esforço é por conectar as diferentes dimensões da experiência em um contexto de entendimento que tenha na espacialidade e geograficidade suas ligas fundamentais. Por essa via, este livro se coloca em diálogo com o esforço contemporâneo de pensar o espaço enquanto fundamento da sociedade (e do ser), e não mero receptáculo em que as coisas acontecem.

Habitar, noção **heideggeriana** que expressa o sentido ontológico desse ser-e-estar-no-mundo, portanto, é o conceito-chave do livro, e abre possibilidades de diálogo e reflexão destas páginas com o esforço de pensar as situações das cidades e metrópoles contemporâneas e as questões referentes à qualidade de vida e à situação de segurança-insegurança.

Creio que o enfoque adotado e as questões movimentadas possibilitam debates em diferentes áreas, mostrando que a reflexão está totalmente aberta. Mas, tomando a orientação fenomenológica, o principal, muitas vezes, não são os resultados ou a cristalização de entendimentos, mas os caminhos que percorre o pensamento do sentido, em direção a novas possibilidades que ampliem nossa capacidade de compreensão e, talvez, até mais importante, de questionamento do mundo.

Este livro é, portanto, um convite à reflexão sobre nossa experiência contemporânea, suas implicações e riscos e as possibilidades de ser-e-estar-no-mundo. Envolve uma densa reflexão teórica sobre os fenômenos estudados, que não pode ser tomada como revisão, pois se trata propriamente de uma construção. Seguindo a tradição fenomenológica, esse intuito não pode ser realizado sem um repensar sobre si mesmo e o significado dos fenômenos, o que espero que a leitura possa provocar os leitores a fazer.

\* \*

Um percurso longo de reflexão e investigação implica inúmeros parceiros, cúmplices e algozes. Entre estes, Daniel, meu orientador, foi o principal interlocutor e incentivador dos caminhos que foram adotados ao longo da pesquisa. Sua perda, em abril de 2010, deixou um dano irreparável em mim. Lívia, Carlos Augusto, Oswaldo,

Werther e Wenceslao foram importantes balizas que me orientaram, de diferentes maneiras, na construção do meu pensar geográfico. Meus cúmplices são Lúcia Helena, Conceição, Leonardo e Ricardo, com quem caminhei nestes anos de reflexão sobre tantos temas e inquietações. Os alunos com quem trabalhei, orientando em parte sua formação, também me ajudaram a formular e a investigar aspectos dos temas aqui estudados, como Fernanda, Gabrielle, Tiago, Priscila, Fábio, Bia, Adriana, Majore e Thais. Devo agradecer, ainda, ao ambiente intelectual e de trabalho do programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências, em especial aos professores Tereza, Claudete, Arlete e Vitte, meus colegas Zuleika, Rodrigo, Ana, Paulo, Carlos e Melissa, além das secretárias Valdirene e Edinalva e das bibliotecárias, sobretudo, Márcia. O Projeto Vulnerabilidade, do Núcleo de Estudos de População, foi outro ambiente no qual tive estrutura para desenvolver esta pesquisa, além de um grupo disposto a discutir e debater tantos temas. Devo agradecer também ao Hugo, Janaina, Mariane, Gisele, Marina, Ricardo, Priscila e Danilo, pelo apoio na fase final de confecção da pesquisa, principalmente com os dados, tabelas, mapas e sua edição. Agradeço também aos meus companheiros de escrita ao longo destes anos, com os quais algumas das linhas que estão reunidas aqui foram compostas: Daniel, Fernanda, Conceição, Leonardo. Aos meus conversantes, que permitiram que sua experiência fosse investigada em uma pesquisa acadêmica; sem estes, não haveria este livro. Aos meus familiares, que sempre estiveram presentes, de tantas formas: Dona Aurea, Hugo, Dudu e Lu.

*Eduardo Marandola Jr.*

Janeiro de 2012



# PARA PENSAR OS RISCOS CONTEMPORÂNEOS

*Continuamos a falar da nação, da família, do trabalho,  
da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais  
ao que foram no passado. Não continuam.  
A casca permanece, mas por dentro eles mudaram.*

Anthony Giddens (2006)

O medo e a insegurança são palavras presentes em nosso cotidiano. Risco, perigo e vulnerabilidade são outras palavras que acompanham as primeiras em suas aparições na mídia, nas conversas e nas preocupações acadêmicas. “Estar em risco”, “proteger-se do perigo”, “manter-se seguro”, “diminuir a vulnerabilidade”. Essas são ações correntes que executamos em busca de tranquilidade e para poder usufruir uma vida com maior qualidade. Mas quais são as raízes dessa insegurança generalizada que parece estar tomando conta de nossas cidades, atingindo as diferentes classes sociais, lugares e regiões? Quais as implicações para os modos de vida e para a própria existência das pessoas? E para o espaço urbano, quais as consequências e transformações?

Este livro investiga essas questões na Região Metropolitana de Campinas (RMC) para angariar elementos que permitam pensar a problemática no âmbito das regiões densamente urbanizadas e modernizadas da atualidade. Podemos pensar, a partir das experiências urbanas e metropolitanas dessa região, as implicações deste viver em risco na dimensão da existência. Viver nessas áreas é um ser e estar específico, fundado em uma dada espacialidade, que é substancialmente diferente das outras formas urbanas. O intuito deste livro é discutir a natureza deste viver metropolitano, a partir de alguns elementos que o singularizam contemporaneamente.

Contudo, não procuro demarcar uma diferença radical entre os espaços metropolitanos e as demais manifestações urbanas. O metropolitano está deixando de ser uma exclusividade das regiões mais centrais no sentido econômico (a forma clássica

de delimitar o metropolitano), espalhando-se à medida que inclui sob sua lógica e racionalidade áreas cada vez mais dispersas (OJIMA, 2007; REIS, 2006), levando essa metropolitanidade (o qualitativo próprio do ser e estar metropolitano) até regiões que não são, no sentido tradicional, metrópoles, entendidas como os centros mais dinâmicos economicamente, que concentram o comando e as decisões (CASTELLS, 2000; MUMFORD, 1998). As metrópoles representam, assim, os espaços mais densos da sociedade urbana, nas quais suas características são mais explicitamente reveladas e em que a diversidade social e espacial é mais acentuada (fonte da densidade e da intensidade). Isso não quer dizer que o urbano esteja desaparecendo, mas que as transformações aqui investigadas, embora se orientem para o fenômeno metropolitano, dizem respeito ao urbano de maneira geral, embora a forma como isso ocorre em cada caso deva ainda ser investigada. Assim, essas reflexões se prestam a pensar não apenas as regiões metropolitanas, mas as transformações que se operam no fenômeno urbano de uma maneira mais ampliada.

Como centros de comando de suas respectivas áreas de influência, é a partir das metrópoles que ocorrem as transformações socioespaciais da macroescala, tais como as inovações tecnológicas, as alterações produtivas, as normas e os estilos de vida. Esse circuito metropolitano tendeu à integração desde o advento da modernidade, intensificando-se com a industrialização e as cada vez mais eficientes formas de transporte e comunicação. O resultado é um sistema global-integrado, ligado às metrópoles, sede de um sistema-mundo que tende à homogeneização dos estilos de vida, dos espaços, das relações sociais e das pessoas. Se existe uma globalização em curso, é uma globalização metropolitana, que toma como modelo esse estilo de vida e procura torná-lo global.

Esse processo de expansão e generalização de um estilo de vida ligado diretamente aos processos globalizatórios tem trazido cada vez mais para o local aquilo que é global, ou seja, aquilo que é externo. Os riscos e perigos produzidos pelos avanços tecnológicos vêm junto com esse sistema globalizado, a maioria sem o acompanhamento de elementos que permitam às pessoas proteger-se ou sequer avaliar sua extensão. Isso sem mencionar que muitos desses novos perigos são ainda desconhecidos, não sendo possível estimar seu risco nem seus danos. É um pacote fechado que cada vez mais pessoas, lugares e regiões têm comprado (ou sendo obrigados a comprar), assumindo um novo estilo de vida que possui seus próprios riscos e com os quais os sistemas de proteção anteriores não conseguem lidar adequadamente.

A RMC é uma das regiões mais dinâmicas do país, seja em seus aspectos econômicos, demográficos ou industriais. Conhecida por seu parque industrial (tanto tradicional quanto de alta tecnologia), possui uma situação que a coloca em condição muito favorável neste sistema-mundo, pois possui laços diretos com o mercado internacional (SANTOS, 2003). Isso se reflete no volume e na quantidade de trabalhadores do conhecimento que vivem na região, constituindo um grupo demográfico específico que interfere na organização socioespacial das cidades (MELLO, 2007).

As duas condições básicas de regiões como essa, que estão ligadas ao sistema global-metropolitano, são a conectividade e a mobilidade: comunicação e transporte. Ambos são destacadamente desenvolvidos na RMC, com uma densa e ampla rede de autopistas que conectam as cidades da região (e a região ao restante do país, em especial a áreas estratégicas como a Região Metropolitana de São Paulo, o Aeroporto de Viracopos, o interior do Estado e o porto de Santos) e uma rede de fibra ótica e de outras redes de telecomunicações de grande extensão e eficiência.

A virtualidade da conexão e da mobilidade está em toda a parte. As estruturas e os objetos técnicos existem, trazendo implicações para a experiência desse espaço e para o modo de vida. Qual o papel dessa espacialidade no aumento ou na redução dos riscos? Nem todos têm o mesmo acesso a tais desenvolvimentos, nem pessoas e nem lugares (bairros ou cidades). Mas será que estar nessa região faz diferença no sentido da diminuição da insegurança? Como?

A mobilidade e a conectividade, portanto, são elementos-chave para pensarmos a dimensão da experiência do espaço nessas regiões. A mobilidade estrutura o espaço de vida, constituindo uma morfologia do dia a dia. O conjunto de lugares e itinerários que a pessoa vive na metrópole é a espacialidade base de sua experiência. Esse desenho revela também as áreas exclusivas, as dificuldades de acesso e as interações espaciais entre os pedaços da região. Os espaços de vida são cada vez mais regionais, com fluxos intensos cada vez mais significativos, implicando uma integração maior entre as cidades. Aumenta a possibilidade de escolha do local da moradia. O mercado imobiliário torna-se também regional, já que é possível trabalhar em uma cidade e morar em outra, com distâncias a se percorrer cada vez maiores (PIRES, 2007), o que torna a pendularidade um elemento central para acompanhar esses processos. A malha rodoviária e o sistema de transporte possibilitam que grandes distâncias sejam vencidas em poucos minutos. Não raro, trajetos intraurbanos são mais demorados do que trajetos interurbanos, valorizando localizações distantes, porém conectadas. A escolha do onde morar torna-se um processo mais complexo do que os modelos da ecologia humana, exigindo por parte da pessoa-família a avaliação de vários elementos de diferentes naturezas, desde o tempo e o custo envolvidos nos deslocamentos, a capacidade de adquirir ou pagar a moradia, a segurança, a qualidade de vida, o acesso a bens e serviços, o apego/conhecimento do lugar, o conhecimento de vizinhos etc. A escolha ocorre frequentemente em um equilíbrio de funções e avaliações: estar mais perto do trabalho de **qual** membro da família? O deslocamento de **quem** irá ser mais demorado? **Onde** as crianças estudarão? **Quem** poderá ajudar em caso de necessidades? Proximidade de parentes; e assim por diante.

Em vista disso, a casa e o seu espaço imediato, o bairro, têm sido escolhidos e vividos de maneira diferente no cenário metropolitano contemporâneo. A casa sempre teve um papel fundamental na identidade e na existência da pessoa. É a partir de sua casa (seu lugar por excelência) que cada um estabelece sua relação com e no mundo. É o centro de significação e o ponto mais denso de todo o espaço de vida. É nela que estão centrados os mais poderosos mecanismos de proteção e de segurança



existencial. E a casa é o ponto zero de onde partem nossos deslocamentos, sendo o centro de toda a experiência.

A tese defendida nestas páginas é a de que as transformações descritas anteriormente alteraram o significado da casa no metropolitano contemporâneo. O incremento da mobilidade aumenta a distância e o tempo dos deslocamentos, mantendo-nos cada vez mais tempo fora do lugar, da casa, nossa principal fonte de proteção. As relações de vizinhança e de identidade territoriais são fenômenos que provocam e são consequências desse processo, haja vista que com a redução da permanência na casa, os laços fundamentais de proteção ficam fragilizados e, em consequência, estar em casa não é mais estar sempre seguro. O resultado é um espaço de vida mais esgarçado, com os recursos que promovem a proteção a dispersos no espaço regional metropolitano, quando oriundos dos sistemas locais, e espalhados pela difusa rede de localidades globais, quando provenientes dos sistemas de peritos (os sistemas técnicos especializados) (BECK, 1992). Diferentes formas de ser e estar na metrópole exigirão, portanto, diferentes estratégias de promoção da segurança ontológica e de estabilidade do ser, sejam baseadas no lugar, na comunidade ou na mobilidade. Em vista disso, a mobilidade não é sinônimo de risco, assim como a casa não é sinônimo de proteção. A ambivalência risco/proteção e segurança/insegurança está ligada à relação que estabelecemos tanto no lugar quanto na mobilidade, mais ligada à nossa capacidade de inserção nos dois sistemas de localidades e de saber (global-metropolitano e local-tradicional). As repercussões em termos ontológicos são o aprofundamento da segurança/insegurança expressa na vulnerabilidade existencial. Uma das grandes perdas do atual estágio da modernidade é o fato de a casa, lugar da proteção por excelência, ter se tornado, também, um lugar de risco, o que torna o habitar metropolitano um **habitar em risco**.

Esse habitar é mais do que simplesmente morar em um local. Orientamos nosso pensar para o sentido da casa e da vulnerabilidade no metropolitano contemporâneo, a partir de uma leitura fenomenológica, centrada na experiência e na existência. Habitamos a casa, o bairro, a cidade, a região e, em última análise, a Terra. Nessa leitura, habitar é a expressão do próprio ser e estar na metrópole, constituindo-se enquanto fundamento do ser-no-mundo, envolvendo lugares, territórios e espaços de vida. Habitar é o próprio *Dasein*, expressão *heideggeriana* da essência do ser<sup>1</sup>,

1. *Dasein* é a palavra-chave do alemão utilizada por Martin Heidegger para expressar o significado do ser em sua ontologia fundamental, evocando o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade, sem se misturar com estes termos nem se referir simplesmente à existência. É no *Dasein* que o homem constrói seu modo de ser, sua existência, sua história. É traduzido frequentemente por “ser-aí” ou “pre-sença” (como na edição de *Ser e tempo* da Editora Vozes, em português). Nenhuma das duas, no entanto, expressa completamente o sentido que o filósofo atribui ao termo, já que Heidegger utiliza uma forma muito particular e original de expressão, tendo uma escrita densa que atribui significado à composição das palavras, ora resgatando seus sentidos originais, ora atribuindo-lhes novos. Preferimos, em vista disso, seguir a forma consagrada de referência na literatura nacional e internacional que utiliza o termo em sua forma original. Em vista disso, outros termos que aparecerão no decorrer do texto também serão mantidos tais como Heidegger os utilizou ou como é mais frequente encontrar em suas traduções.

implicando um conjunto fenomênico de elementos que são mediados pelas ações intencionais e do querer do homem. A existência é fundada em um habitar, e este marca, demarca e transforma o espaço. Muitas formas de habitar só se desenvolvem por um determinado tempo, implicando conhecimento, vivência e um envolvimento com a comunidade, a cultura local e o estabelecimento de territorialidades. Em vista disso, espaço e tempo são elementos fundamentais do ser e estar fundado no habitar.

A experiência é assim entendida como fundamento da existência, e, por isso, é a partir da investigação das experiências urbanas singulares que podemos pensar essas diferentes formas de habitar. É a partir daquilo que aparece nas próprias existências que podemos pensar o sentido desse habitar em risco contemporâneo: a casa, o lugar, o território e a mobilidade. O espaço de vida, noção morfológica estruturante da vivência metropolitana, é a expressão da articulação desses fenômenos, revelando, assim, a dimensão material do próprio habitar.

Esse caminho exige um questionamento sobre o sentido de fenômenos que pela linguagem comum ou pelo próprio conhecimento científico acreditamos já saber o que são. Contudo, estes já não o são com tanta clareza, seja porque são fenômenos em contínua mutação, seja porque não os pensamos de maneira essencial: cidade, metrópole e casa. Que é cidade? Que é metrópole? Que é casa? Que sentidos instituem ontologicamente tais fenômenos em nosso tempo? Por outro lado, em um período histórico em que assistimos à crise da razão, o questionamento do conhecimento científico e sua vulnerabilidade, mais do que nunca é importante manter uma postura crítica para que não fiquemos presos a nossas formas de ver e interpretar a realidade. O contínuo questionar é uma ação imprescindível para o pensamento no tempo da incerteza.

Esse pensar ontológico, portanto, torna-se uma postura que encaminha toda a investigação, orientada à compreensão dos fenômenos. O movimento do livro se dá, conforme sugeriu Armando Corrêa da Silva, do pensar (teoria) para a pesquisa-empírica (método) e de volta ao pensar (teoria) (SILVA, 2000). O sentido desse pensar é uma reflexão acerca do significado dos fenômenos, em busca de sua essência (sentido ontológico), que se manifesta na experiência e pode ser interpretado e refletido pela atividade cognoscente racional.

Como mostrou Heidegger (2001a, p. 39), a ciência “é um modo decisivo de se apresentar tudo que é e está sendo.” Isso não é feito, na opinião do filósofo, pela demonstração técnica, mas pelo movimento do pensar. Esse pensar é aquele que se orienta ao pensamento do sentido, ou seja, da essência do real. Essa realidade é o que se realiza, o que se pode realizar, manifestando-se enquanto objeto. Por isso, afirma Heidegger, a ciência busca a objetividade: aquilo que é manifesto, que se realiza enquanto objeto. Portanto, o pensar científico é o pensamento do sentido do objeto, em uma fenomenologia que une sujeito e objeto. O real não é a passividade, mas só o é diante de um sujeito. Assim, o pensar é colocar o objeto-para-mim, para um sujeito. O erro da ciência moderna, afirma Heidegger, foi reduzir o real ao que a ciência era

capaz de medir/calcular. Fazendo isso, o pensar se limitou à técnica, subvertendo o sentido da própria ciência. O pensamento do sentido nos leva para além do tangível pela ciência medidora. Pensar o sentido é necessário para conduzir a investigação a partir do movimento pensar-pesquisar-pensar, abrindo-se para o inesperado.

Essa forma de encarar a produção do conhecimento e o papel do pesquisador está atrelada a uma gama de ideias que tem se manifestado no universo científico já há pelo menos 50 anos. Novas teorias que vieram principalmente da física (princípio da incerteza de Heisenberg, por exemplo) provocaram revisões na filosofia e na história da ciência, alterando nossa forma de interpretar e compreender a própria realidade física. A partir dessas revisões, toda a episteme das ciências, sua relação com a sociedade e a natureza da produção do conhecimento precisou ser revista, atrelada a um período de grande crise histórica, crise que atinge todas as facetas de nossa vida (MONTEIRO, 1988).

A busca por novos paradigmas e orientações veio acompanhada da revisão de antigas posturas, renovações teórico-metodológicas e um sentimento de crise constante, o que, para a Geografia, não é novidade. Os geógrafos sempre estiveram envolvidos nesses debates, embora, em geral, um pouco a reboque das outras ciências. A maioria das polêmicas da crise das ciências não atingiram diretamente a Geografia ou seu núcleo fundamental, já que nunca teve um lugar axiomático nas classificações das ciências. De ciência matemática, corológica, regional ou fisiográfica, a Geografia já estava, de certa forma, preparada para o atual período de transição paradigmática, em que se diluem as divisões dicotômicas da modernidade e há um esforço de religação dos saberes (SANTOS B., 2000; MORIN, 2002), embora internamente haja constante discussão sobre seus fundamentos.

Parto, portanto, da necessidade de considerar as repercussões ontológicas e epistemológicas para a operacionalização de conceitos e da pesquisa, procurando qualificar os fenômenos geográficos na experiência, compreendendo-os em seus atributos ontológicos. Estes se dão em determinada intersubjetividade, que envolve os fenômenos coletivos que nos conduzem aos significados cultural, social, geográfico e historicamente compartilhados. A comunidade, o bairro e a cidade (em alguns casos) são os eixos dessa intersubjetividade. Mas também o são a família, o grupo demográfico, a religião, a origem cultural. Em vista disso, na investigação das experiências, a história de vida é fundamental para balizar a compreensão daquela existência, enquanto um fenômeno holístico e com a capacidade de revelar-se em si mesmo (HEIDEGGER, 2002).

Para tanto, o livro parte de uma geografia contemporânea dos riscos, entendendo este tempo como o da incerteza. O argumento busca um sentido abrangente para os riscos, perigos e vulnerabilidade, compondo uma leitura fenomenológica da insegurança e da incerteza. Habitar é a noção central que permite compreender as repercussões desses fenômenos na experiência do ser-no-mundo e, por isso, ele é significado a partir da ontologia fenomenológica de Martin Heidegger (Parte I).

Outros procedimentos de investigação fenomenológica, alguns mais outros menos utilizados pelos geógrafos, são também movimentados, procurando operacionalizar a pesquisa de campo, enquanto momento privilegiado de produção do conhecimento.

Nesse sentido específico, uma das expectativas deste livro é contribuir para uma utilização mais explícita e estrutural dos fundamentos fenomenológicos na ciência geográfica. Temos sofrido influência desse sistema filosófico há várias décadas, em especial nos estudos humanistas, mas seu uso tem sido muito variado e parcial, às vezes, apenas operacionalizando a pesquisa, outras vezes, trazendo conceitos ou mesmo servindo apenas de inspiração ou orientação mais abrangente de uma epistemologia conceitual (BUTTIMER, 1976; TUAN, 1976; PICKLES, 1985). Raramente a incorporamos como base de uma ontologia espacial ou geográfica ou como uma base metodológica explícita. Realizar esse intento tem suas insuficiências e dificuldades, mas também suas virtudes, e, por isso, escolhi orientar o trabalho nessa direção.

Outras duas áreas com as quais esta pesquisa é levada a dialogar são os estudos populacionais e os estudos urbanos e regionais. No primeiro caso, procuro incorporar a perspectiva humanista, que agrega aos fenômenos demográficos um olhar em microescala, enfatizando o papel individual e familiar nos processos de tomada de decisão e colocando a Geografia em um diálogo interdisciplinar com as ciências sociais. Além disso, conforme salientaram Findlay e Graham (1991), a perspectiva humanista permite uma aproximação maior com outros elementos demográficos dos fenômenos, por ser mais empírica e contextual, ajudando também a desenvolver uma abordagem espacial da Demografia, em especial nas relações da população com o ambiente e com a sociedade.

No segundo caso, o livro se envolve no debate do risco, enquanto nova dimensão da Geografia Urbana (CASTRO AGUIRRE, 1995) e das repercussões da morfologia das cidades contemporâneas para o modo de vida e a experiência urbana, conduzindo ao questionamento sobre o sentido de metrópole e da região. Como no restante do livro, a discussão levanta muito mais dúvidas, aponta caminhos e problematiza as questões do que propriamente as responde. Se há algum resultado conclusivo a esse respeito é a permanência da necessidade de aprofundar esses questionamentos, não deixando a função da gestão desses espaços limitar o pensar sobre a essência de tais fenômenos.

No entanto, o fio principal que conduz essas questões é **uma leitura ontológica dos riscos e perigos contemporâneos, a partir de uma fenomenologia geográfica**, que recorta a problemática para a dimensão da experiência e da existência e do modo próprio de ser e estar na metrópole contemporânea. Essa opção justifica-se pela necessidade de tornar a ciência mais humanista, dando voz às próprias pessoas, ou seja, valorizando aquilo que provêm delas em suas experiências diárias. É uma forma de colocar o ser humano no centro, enquanto valor fundamental de todo o pensar científico, permitindo que ele dê testemunho daquilo que lhe diz respeito diretamente, considerando seu depoimento e experiência válidos no processo

de produção do conhecimento (BUTTIMER, 1974; SANTOS B., 2000; MARANDOLA JR., 2005a).

Minha leitura da RMC, portanto, contém essa marca. Minha própria experiência da região, enquanto morador, constitui o material primeiro de toda a inquietação e parte indissociável do processo e dos resultados da pesquisa. Não procuro dissociar essa “contaminação” do texto, incorporando-a enquanto elemento fundamental do processo. Deixando essa vinculação clara e explícita, espero permitir que os leitores possam, criticamente, compreender aquilo que advém dessa experiência singular e aquilo que advém de processos mais abrangentes e que se manifestaram na investigação por serem parte da essência dos fenômenos investigados.

Durante o processo da pesquisa, vivi em duas cidades da região: Campinas, a sede, e Sumaré, a cidade de maior integração metropolitana e classificada, no senso comum regional, como “cidade dormitório”, a periferia da metrópole. Viver as duas faces da metropolização, na sede em um primeiro momento (em um bairro consolidado no centro da metrópole) e “pendulando”, posteriormente, interferiu diretamente na direção da pesquisa, pois forneceu elementos do processo e do seu reverso, relativizando ambos os pontos de vista que dominam a leitura de regiões: do centro e das bordas.

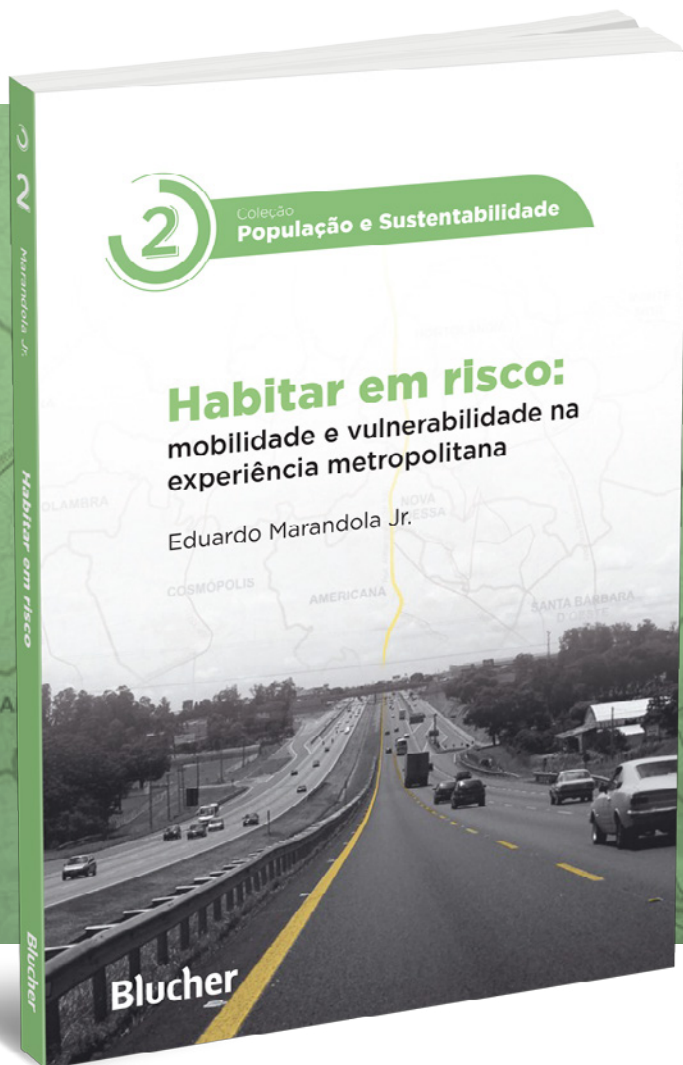
E foi justamente por morar nos últimos três anos na borda, que a pesquisa se orienta para uma área específica da RMC: a porção noroeste. Esta é o conjunto mais dinâmico e de relações interurbanas mais orgânicas em toda a região. Centralizadas por Americana (um subpolo regional dentro da região metropolitana), temos Santa Bárbara D'Oeste, Nova Odessa e Sumaré formando um subconjunto na RMC: uma **microrregião** (veja o Caderno de Mapas). A intensidade da conurbação, das trocas diárias e da própria contiguidade dos espaços de vida entre essas cidades dotam a microrregião de uma identidade própria, que nos permite identificar, de forma mais clara, o sentido regional desse habitar. Até morar em Sumaré, questionava-me acerca da natureza da interação entre as cidades da RMC. Tais dúvidas se dissiparam com o conhecimento e vivência na microrregião, que, mais do que constituir uma bacia de empregos, como a chamam os economistas, são espaços integrados que permitem o desenho de espaços de vida regionais, integrando pedaços da região na experiência urbana.

A integração dessas cidades é revelada nos próprios dados secundários de pendularidade e migração, que utilizo para contextualizar os fenômenos em sua espacialidade. Se é possível que hajam espaços de vida que extrapolam uma só cidade nesta região, é porque existem processos históricos e econômicos que integraram tais cidades em uma dinâmica socioespacial interdependente. Esta pesquisa, no entanto, não se debruça na explicitação ou explicação de tais processos. O que interessa são as repercussões nos modos de vida e nas existências, expressas no habitar em risco. **É este ser e estar em risco, que se edifica sob esta espacialidade, e com ela interage, que nos propomos investigar** (Parte II).

Esse caminho de investigação nos conduz à discussão sobre os fenômenos ambivalentes de risco/proteção e segurança/insegurança, no plano ontológico. É aqui que o livro se afunila para refletir sobre as questões fundamentais que o erigiram e como é possível, a partir da pesquisa realizada, pensá-las. As biografias, espaços de vida e experiências metropolitanas singulares vêm à luz para revelar o sentido da fluidez e das permanências, estruturadas a partir da casa (bairro/cidade de moradia) e da mobilidade (deslocamentos diários ou não que promovem interações espaciais e exposição/proteção de perigos). A vulnerabilidade é o conceito-chave, pois é ela que nos ajuda a ter em perspectiva os vários fenômenos que tornam a vida insegura e incerta, permitindo, a partir de um entendimento fenomenológico, contribuir para pensar o habitar, entre mobilidades e permanências, no espaço metropolitano (Parte III).

De pensar a RMC, passo a pensar os processos em seus traços essenciais, procurando na investigação proposta elementos que permitam ir além da singularidade, da particularidade. A compreensão dos fenômenos não se dá pela mera verticalidade. Esta é necessária para dar profundidade, mas não se esgota ali. O procedimento fenomenológico envolve a “busca das coisas em si mesmas”, ou seja, a busca do sentido mais original, mas não para ficar nele. Antes, o fim é percorrer os sentidos e significados a partir daquele ponto, resignificando aquilo que pensávamos entender ou conhecer, o procedimento denominado arqueologia fenomenológica (MARANDOLA JR., 2005b). Por essa razão, as perguntas regressivas são tão importantes e, por isso, manter o espírito crítico e aberto é tão fundamental. Em um período de incerteza e risco, com a própria ciência sendo questionada, manter-se sem essa criticidade na base da investigação científica, duvidando das próprias conclusões e métodos, seria limitar, de saída, a possibilidade de descoberta, do novo e do inesperado. Busco neste livro orientar-me pela dúvida, não pela certeza. Ela é a motivadora e provocadora do caminho. Se me embrenhei por essas sendas, não é em busca de resultados ou de conclusões. Antes, é um exercício de pensar, com método e direção, mas com a disposição de mudar de caminho e de errá-los, tanto de acertá-los e revê-los no final.





Clique aqui e :

**VEJA NA LOJA**

## **HABITAR EM RISCO**

**mobilidade e vulnerabilidade  
na experiência metropolitana**

---

**Eduardo Marandola Jr.**

ISBN: 9788521208471

Páginas: 248

Formato: 17X24 cm

Ano de Publicação: 2014

Peso: 0.415 kg

---

# 2

## **Habitar em risco:** **mobilidade e vulnerabilidade na** **experiência metropolitana**

Entender a vida nas metrópoles continua sendo um grande desafio. Nos dias de hoje um sem-número de problemas cercam a vida das pessoas nestas aglomerações urbanas, e a casa, que antes era um refúgio para muitos, passa a ser apenas mais um dos contextos nos quais vivemos com medo. Viver na metrópole, portanto, é conviver com muitas incertezas e vulnerabilidades. Ampliamos nossas experiências da metrópole para além da casa e do trabalho, o que nos coloca em situações inesperadas a cada momento, em cada lugar pelo qual passamos.

Este livro, originalmente apresentado como tese de doutorado sob orientação do professor Daniel Hogan, busca explorar e compreender algumas das interfaces que permeiam as (in)certezas que temos no nosso dia a dia na metrópole. Através de uma perspectiva da experiência vivida de base fenomenológica, analisa não apenas o local de moradia, mas o complexo tecido estendido do habitar urbano no contexto da mobilidade metropolitana.

Mobilidade urbana é uma das grandes preocupações sociais e políticas dos últimos anos e a sua compreensão não pode se limitar ao físico, ao material, ao perceptível aos olhos. Muito além, mover-se na cidade é parte do ser. Assim, intencionalmente numa busca de integração interdisciplinar e multidimensional, o livro e a produção científica de seu autor são recomendados para todos aqueles que procuram entender a cidade, o urbano e o metropolitano. Talvez até para entender um pouco mais de si mesmo.

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)



**Blucher**